

# Histórias da vida acadêmica de um estudante de medicina



Nilton Nasser

NOVA  
**LETRA**  
GRÁFICA & EDITORA

Blumenau, 2010

Copyright © 2010 Nilton Nasser

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sem a devida autorização do autor.

Ficha Catalográfica

---

---

Impresso no Brasil

## APRESENTAÇÃO DO AUTOR

O autor Nilton Nasser, nasceu em 1945 na cidade mineira de São Sebastião do Paraíso, é filho de imigrantes libaneses, italianos e espanhóis, e residiu no município até os cinco anos de idade. Quando tinha dois anos sua família mudou-se para Andradina - SP, depois para Itamogi - MG e aos 7 anos chegou a Mococa onde se estabeleceu no comércio local.

Realizou o curso primário e ginásial nesta cidade e em seguida foi estudar em Curitiba onde completou o científico no Colégio Estadual do Paraná. Ingressou em 1965 no curso de História Natural da UFPR e em 1966 na faculdade de Medicina da UFPR, tendo concluído os dois cursos em 1971. Este livro relata fatos e situações do estudante Nilton nesta época.

Após a formatura foi servir a Marinha de Guerra em Florianópolis - SC, onde trabalhou no INPS, Departamento de Saúde Pública (Posto de Saúde de Santo Amaro da Imperatriz) além de ocupar a função de médico do Figueirense Futebol Clube (campeão estadual, naquele ano, após 32 anos de jejum).

Em janeiro de 1973 fez especialização em São Paulo no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e Faculdade de Saúde Pública, onde se preparou para exercer a Dermatologia e Administração em Saúde Pública.

Retornou para Santa Catarina e iniciou suas atividades em Blumenau - SC, assumindo a chefia do distrito sanitário. Fundou a primeira clínica de dermatologia da região.

Defendeu tese de doutor em dermatologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Foi presidente por quatro anos da Sociedade Brasileira de Dermatologia, Regional de Santa Catarina e presidente do Congresso Brasileiro de Dermatologia, além de ocupar cargos nacionais dentro da Sociedade Brasileira de Dermatologia como a chefia do departamento de Oncologia Cutânea e membro de comissões nacionais e conselheiro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica.

Hoje aposentado na Saúde Pública e do ambulatório de Dermatologia do INAMPS, atua em sua clínica particular e é professor titular de Dermatologia do curso de medicina da Universidade Regional de Blumenau.

Casou em janeiro de 1971 com Carmem Lucia do Prado, com que teve 3 filhos, Fabiana, Fernanda e Nilton Filho. Tem 3 netos Antônia (9 anos) , Augusta e Enrico (gêmeos- 5 anos) filhos de Fernanda, casada com Marcio Rubens. O filho Nilton, nascido em Blumenau, cursa hoje a residência de Dermatologia na Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Dedico esta obra aos meus colegas de bancos de estudo, vestibulandos, acadêmicos de medicina, universitários em geral, professores e amigos que viveram uma época romântica e de ouro nos anos de 1960 a 1971 na capital dos paranaenses e de todos nós: Curitiba a cidade universitária.



## PREFÁCIO

Este livro contém histórias que vivem em minha memória, e por ser tratar de fatos comuns a todos nós, resolvi relatar para lembrar com os contemporâneos, uma época de ouro de nossa formação de estudante e que tivemos a felicidade de compartilhar em vossa companhia.

Os personagens existem, porém alguns nomes são fictícios e os fatos apesar de pitorescos realmente aconteceram.

Procuramos reproduzir a vivência da época (1965-1971) de estudante na cidade universitária de Curitiba, lembrando fatos humorísticos do acadêmico de medicina que sempre são contados nas rodas de amigos, mas nunca escritos e registrados.

Todos nós temos histórias curiosas, às vezes somente humorísticas, mas também educativas que enriquecem com felicidade a recordação dos tempos de estudante.

Esperamos que todos que tenham uma ligação com estudantes de medicina, universitários e vida social da época, leiam com prazer estas histórias e também recordem das suas, e quem sabe, enviem por correio eletrônico para que na próxima edição seja incluída nesta cesta de recordações.

Nilton Nasser – acadêmico de medicina, de história natural e atleta  
universitário - Curitiba 1964-1971



# Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>Vestibulando! – “Vestiba”! .....</b>	<b>13</b>
<b>I - Histórias do cotidiano do estudante de medicina.....</b>	<b>17</b>
<b>A - “Status” de estudante de Medicina em Curitiba .....</b>	<b>17</b>
<b>B - Aventuras universitárias .....</b>	<b>23</b>
1 - Jogos Universitários no Rio de Janeiro .....	23
2 - Engenharia X Medicina - ENG-MED .....	27
3 - Jogos Universitários Brasileiros - Bahia .....	31
4- Trotes e aventuras na Casa do Estudante Universitário – CEU ..37	
<b>II – Pronto Socorro – Histórias curiosas .....</b>	<b>41</b>
1– O leão e o gaúcho .....	43
2– O morto está vivo!.....	49
3 - Medo do defunto .....	55
4– Surpresas na Lua de Mel .....	59
5 - Doutor “Ponto”... Doutor de “Merda”.....	63
6 – As brigas de vida ou morte... ..	67
7– Objetos estranhos.....	71
8– Casos de crises nervosas (pitiáticas) .....	75



## INTRODUÇÃO

Pronto: estamos na faculdade de Medicina!

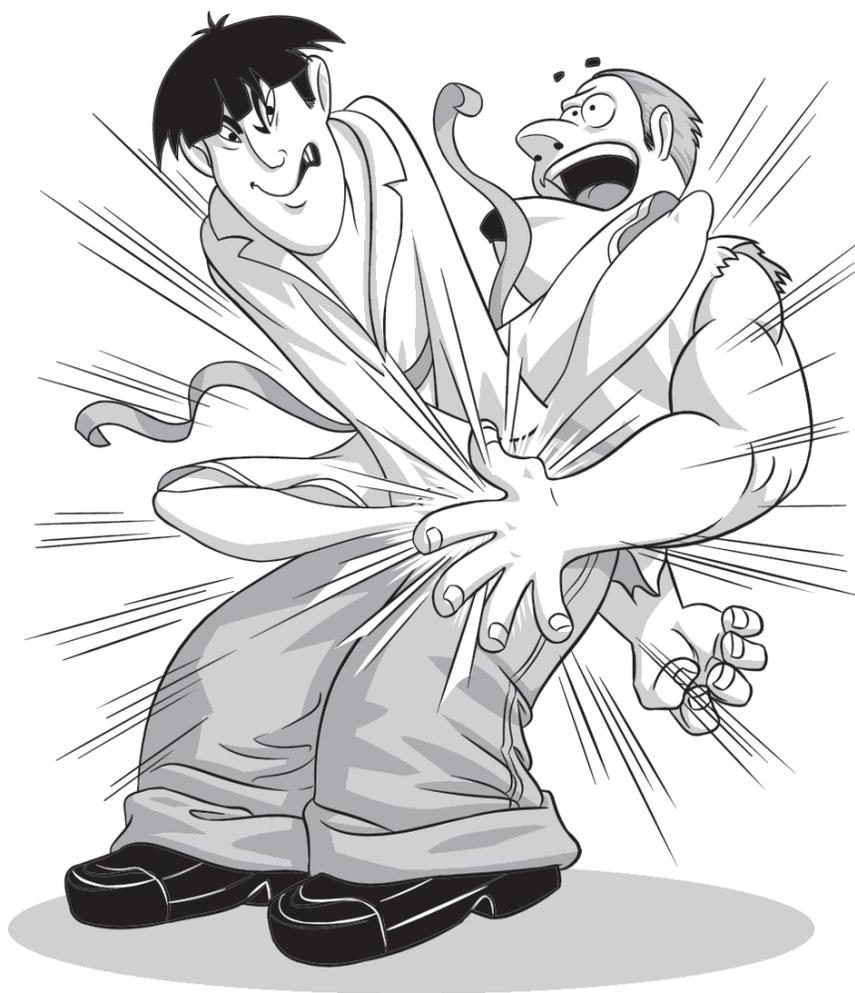
Futuros médicos: pessoas iluminadas pelo saber, que cuidarão da saúde e da vida de seus semelhantes.

Antes, porém, contudo, todavia, éramos estudantes em formação, cheios de defeitos, alegres e capazes de brincar com os colegas, mas nunca com a vida do próximo.

Vivemos casos inusitados, únicos, que marcaram nossas vidas nos hospitais, prontos socorros, clubes e escolas universitárias.



## Vestibulando! – “Vestiba”!





Vestibulando ou “vestiba”, em Curitiba, significava sofredor, “ninguém”, “nada”, um verdadeiro pária sem posição social. Curitiba, “Cidade Universitária”, era formidável para universitários e para estudantes regularmente matriculados nos cursos secundários. Terminado o curso secundário e não ingressar imediatamente na universidade colocava o recém formado numa situação profissional de “não estudante”.

O vestibulando não tinha direito a carteira de estudante, na época essencial para muitas vantagens, como pagar meia-entrada em todas as diversões possíveis: cinemas, teatros, futebol, e, principalmente, o acesso aos restaurantes secundários e universitários. Isso numa época em que o convívio com as garotas era um desastre total, pois elas queriam namorar com universitários e de preferência com acadêmicos de engenharia, medicina ou direito. A situação, às vezes, era minimizada quando dizíamos que éramos vestibulandos de medicina.

A União Paranaense dos Estudantes, UPE, abria vagas no início do ano obtenção de caderneta de alimentação, que permitia aos vestibulandos e estudantes secundários almoçar e jantar por preços irrisórios, quase gratuitos. O acesso a esta regalia era disputadíssimo.

As inscrições para as cadernetas da UPE abriam na primeira segunda-feira de março, às 8 horas da manhã, e as filas começavam a formar-se no sábado à tarde; ficávamos de plantão na fila para disputar aquilo que seria a nossa salvação alimentícia.

Na primeira segunda-feira de março de 1965 estávamos na fila das cadernetas na posição 55, para um total de 60 vagas. Juntamente com meu primo Paulo e um colega de cursinho, o Celso japonês, aguardávamos desde o sábado anterior, ansiosos, sonolentos e cansados.

De repente apareceu um estudante “gringo”, um boliviano; passou por nós e instalou-se na nossa frente, furando a fila, quando faltavam apenas quinze minutos para abrirem as tão aguardadas inscrições.

O Celso, um descendente de japoneses, vindo do norte do Paraná, que nunca levou desaforo para casa desde os nossos tempos de curso secundário, no Colégio Estadual do Paraná, não se conteve e abordou o boliviano, dizendo que o mesmo deveria dirigir-se para o fim da fila.

O boliviano, 30 centímetros mais alto que Celso e 20 centímetros mais alto que eu, musculoso, forte e entroncado, cara de bandido, olhou para nós e disse que não iria se retirar e que não via nenhum homem que pudesse mudar sua posição.

Com uma rapidez incrível, Celso agarrou com uma mão o pênis e o escroto do boliviano, passou a perna por cima do braço, invertendo sua posição e ficando de costas para o boliviano, segurando agora com as duas mãos as partes baixas do intruso por entre suas pernas: puxou, torceu e ato contínuo jogou-se para trás, caindo com as nádegas sobre o estômago da vítima, que rugiu e desmaiou prontamente. Um golpe fatal, inimaginável, fantástico e decisivo.

Após um silêncio de espanto e surpresa, os famintos vestibulandos da fila romperam-no com “hurras” e vivas eufóricos. A atitude foi saudada por todos da fila com abraços e parabéns ao Celso, enquanto o boliviano valente era levado ao Pronto Socorro, desmaiado.

Este fato, apesar de ter sido corajoso e justo, colaborou para que meu primo e eu ficássemos apavorados, temerosos da vingança do gringo, que nos encarou no momento da bravata.

Por muitos anos trocávamos de calçada nas ruas de Curitiba quando o avistávamos naqueles anos de estudante, já que o mesmo era o maior boliviano que já tínhamos visto e temíamos a sua vingança brutal contra nós, estudantes, fracos e esfomeados, na fria e chuvosa capital do Paraná.

Hoje ortopedista, a valentia de Celso, seu senso de justiça, sua honestidade e o companheirismo demonstrado naquela ocasião colocaram-no como exemplo de homem para nossos futuros dias e anos.

I - Histórias do cotidiano do estudante de medicina

## A - “Status” de estudante de Medicina em Curitiba





**S**ermédico, naquela nossa época, era sinônimo de respeitabilidade, confiança, posição social e política e, quase sempre, de sucesso financeiro.

A procura pelo curso de Medicina era, portanto, muito grande, porém o vestibular era muito difícil.

Os vestibulandos quando questionados pelas gurias que curso pretendiam ingressar respondiam prontamente: Medicina! Engenharia! Direito!

Estas afirmações por si só já era meio caminho andado para conquistar o “broto legal”.

Com a aprovação no vestibular e o ingresso na faculdade de Medicina, o acadêmico adquiria em Curitiba uma posição social ou um “status” fabuloso.

Bonito ou feio, pobre ou cafona, chato ou interessante, o rapaz passava a ser como num toque mágico, o parceiro ideal e o futuro pai dos filhos delas, garotas curitibanas, recatadas e casadoiras.

Particularmente, nos idos de 1966 em Curitiba, cursávamos a faculdade de Medicina e também a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, curso de História Natural, o que nos permitia ministrar aulas de ciências e biologia para sobreviver naquela capital.

Esta situação causava episódios de relacionamento que nos mostrava qual era o “status” por ser estudante de Medicina.

Adorávamos cursar História Natural, pois sempre amei a natureza e, contávamos com orgulho que éramos acadêmicos daquela faculdade.

Quando, juntamente com os colegas da faculdade de Medicina, participávamos de um baile, ficávamos posicionados na entrada do salão do clube, junto à pista de dança.

Lá, imediatamente éramos alvo dos olhares das moças que estavam no baile, principalmente as mais bonitas e difíceis de conquistar.

Para dançarmos com uma menina-moça tínhamos que atravessar o salão, com um gesto pedir permissão para o pai ou mãe da garota e gentilmente convidá-la para dançar.

Como nem sempre o pedido era aceito, e para não passarmos vergonha, antes do cerimonial do pedido, acenávamos para o par que nos interessava, e se fôssemos correspondidos, criávamos coragem e íamos em frente.

Graças ao “status” já citado, o fato de integrarmos o grupo da Medicina colaborava bastante para a aceitação do convite.

A posição inicial da dança, o homem com a mão na cintura da dama e esta, delicadamente, com a mão no ombro do rapaz era a forma normal e após alguns passos iniciava-se a conversa, com as tradicionais perguntas: “Qual o seu nome?” e “Aonde estuda?”

As meninas-moças estudavam invariavelmente no nível secundário e ao perguntarem que curso freqüentávamos, nós, para sentirmos a reação das mesmas, respondíamos: “Somos estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Curso de História Natural”

A posição na dança, de nosso par, de “mão apoiada no ombro” passava para “mão apoiada no peito”, como se pedindo distância.

A dança cedida pela moça normalmente durava uma volta inteira no salão. Depois, a senhorita pedia licença para voltar à mesa dos pais.

Ao atingirmos, em nossa volta dançante, a entrada do salão, os colegas da faculdade de Medicina acenavam exageradamente, atitude que havia sido previamente combinada e, então, vinha a pergunta infalível:

- Mas você não é da turma da Medicina?

- Sim - respondia – Também curso a faculdade de Medicina e aqueles são meus amigos!

Imediatamente a posição da mão se transportava para a nuca, permitindo uma maior aproximação e, quase sempre, com algum carinho, e a dança se prolongava até parar a seleção de músicas tocada pela orquestra.

Durante as várias voltas no salão, recebíamos convites para buscá-la na saída do colégio ou até para o café da tarde na sua residência.

Esta atitude mostrava o interesse pelo acadêmico do curso de Medicina, nosso futuro como médico e raramente pela nossa personalidade ou pelos nossos “lindos olhos”.

A conseqüência era a nossa falta de interesse pela moça então testada.

Os convites para festas de aniversário eram freqüentes, principalmente para as festas de quinze anos, quase sempre com traje a rigor (*smoking* e gravata borboleta), ocasiões em que ao convidado era permitido levar os colegas mais chegados do curso de Medicina.

Reuníamos-nos nos sábados à noite, já vestidos a rigor (*black-tie*), na esquina da Rua do Diretório Acadêmico (Rua Ébano Pereira) com a principal Rua de Curitiba (rua XV de Novembro), para sabermos onde seria a festa daquela noite.

Os bailes promovidos pelo Diretório Acadêmico Nilo Cairo – DANC, muito concorridos, com a presença maciça das meninas de toda sociedade curitibana e sempre eram sinônimos de sucesso. Os bailes de formatura eram o máximo de *glamour* na sociedade curitibana e era desejo das meninas solteiras conhecer algum colega doutorando que ainda estivesse solteiro e desimpedido.

Andar pela Rua XV de Novembro com a pasta da Medicina a tiracolo, ou vestido de branco para a aula de anatomia, era um verdadeiro desfile que chamava a atenção das curitibanas e a paquera era intensa.

Alguns colegas, alunos de cirurgia experimental, chegavam a desfilar com os cães que seriam operados na aula, causando *frison* e às vezes comoção junto às gurias.

Quando o acadêmico de medicina namorava uma guria, após algum tempo de convivência, alguém da família se encarregava de contar a história do estudante de medicina que namorou a curitibana durante o curso, porém, no último ano da faculdade, no dia da formatura ou ainda no baile de formatura, aparecia o namorador com a noiva da sua cidade natal.

Era um aviso para não fazer isso com sua familiar.

Esta situação, quase inacreditável, aconteceu, infelizmente, com um doutorando de minha turma de formandos, que realmente apareceu com a noiva de sua cidade no baile de formatura em detrimento da sua namorada de Curitiba, que também foi ao baile com todos seus familiares.

Este “status” era comum para todos os estudantes de Medicina da nossa época de Curitiba, o que nos traz algumas boas recordações da nossa juventude.



## 1 - Jogos Universitários no Rio de Janeiro





**N**o final de 1964, havíamos concluído o curso científico no Colégio Estadual do Paraná.

A seguir, concorreremos aos vestibulares de Medicina e de História Natural.

Infelizmente, não conseguimos aprovação na Medicina, porém, fomos aprovados no curso de História Natural, o qual naquela época formava cientistas e professores nas áreas de Zoologia, Botânica, Genética, Fisiologia animal e outras ciências biológicas.

A condição de estudante universitário trazia inúmeras vantagens, como o direito de frequentar restaurantes universitários, cinemas, teatros e festas.

Como campeão paranaense de natação, fomos convocados para participar dos Jogos Universitários Brasileiros, que seriam realizados em Niterói, Rio de Janeiro, em julho de 1965, defendendo a Federação Paranaense de Desportos Universitários – FPDU.

Ficamos eufóricos, felizes e com a auto-estima nas alturas!

Fizemos uma viagem de ônibus até Niterói, onde ficamos alojados em um colégio perto do Estádio Caio Martins, onde seriam realizados os jogos e a natação.

Escolhemos cuidadosamente as provas de que participaríamos e concluímos por disputar, além do revezamento, nadando estilo peito, também a prova dos 200 metros borboleta (hoje golfinho).

Todos os colegas acharam aquela opção uma loucura, pela dificuldade e pelo grande esforço que aquelas provas exigiam. Porém, não sabiam de nossa estratégia.

Conhecíamos quase todos os nadadores que disputavam as categorias peito e borboleta, e vimos que além do paulista, ex-campeão brasileiro, e do carioca, francos favoritos, havia uma ótima chance de disputarmos a medalha de terceiro lugar, o que já seria um grande feito para o Paraná, que na época não tinha tradição na natação.

Não deu outra: na largada da prova o paulista e o carioca dispararam levando consigo todos os outros. Enquanto isso, seguindo a nossa estratégia, a evolução foi a seguinte: nadando na medida, viramos em último lugar nos primeiros 50 metros, em quinto lugar nos 100 metros,

nos 150 metros viramos em quarto lugar e nos últimos vinte e cinco metros o carioca cansou, e num esforço final chegamos no segundo lugar.

Assim, inesperadamente e com muitos festejos, fomos vice-campeões brasileiros.

A experiência em muitas competições permitiu-nos vencer adversários que normalmente não venceríamos.

O resto do tempo no Rio, visitamos as praias de Icaraí e atravessando de balsa, chegamos ao centro do Rio, monumento aos pracinhas, praias de Copacabana, Ipanema, Leblon e, finalmente, o Maracanã.

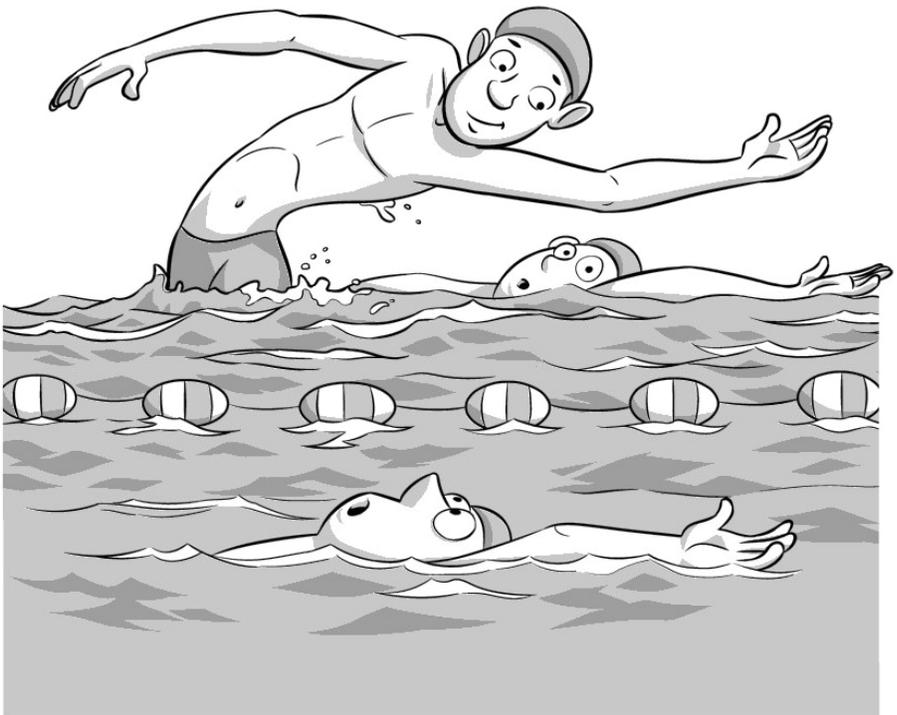
À noite freqüentávamos bailes comemorativos aos jogos em Niterói, onde aperfeiçoamos o samba que meu pai havia nos ensinado.

Lembro que a praia de Botafogo e Flamengo ainda não estavam aterradas.

Visitamos o Pão de Açúcar e o Corcovado.

Foi uma experiência incrível e maravilhosa, esta inesquecível visita à cidade mais bonita do Brasil, a do Rio de Janeiro.

## 2 - Engenharia X Medicina - ENG-MED





**D**urante a carreira universitária os estudantes praticantes de modalidades esportivas tinham a oportunidade de defender sua faculdade nos Jogos Universitários e em disputas entre faculdades.

Estávamos cursando Medicina, e fomos convidados pelo Pingo (Edson Pedro da Silva) para ajudar na organização da **ENG-MED**, jogos entre as duas faculdades de maior prestígio de Curitiba: Engenharia e Medicina.

Todas as modalidades existentes nos Jogos Universitários eram as que os estudantes de Medicina e Engenharia deveriam disputar. Fizemos da ENG-MED um acontecimento marcante na cidade, e para cada modalidade foram convidados padrinhos da Engenharia e da Medicina e uma madrinha para o jogo em disputa.

O jogo de futebol de campo entre Medicina e Engenharia aconteceu no Estádio Couto Pereira, do Coritiba F. C., como preliminar de Fluminense x Coritiba, pelo Campeonato Brasileiro.

Estádio cheio, com toda a imprensa dando cobertura, fizemos a cerimônia de homenagem aos padrinhos no centro de campo e entregamos flores para a madrinha.

O herói do evento foi o centroavante da Faculdade de Medicina, que aos 45 minutos do segundo tempo fez um gol de bicicleta de fora da área, gravado pela televisão e transmitido para todo o Brasil...

Foi a glória para a Medicina e para todos os organizadores.

Lembro ainda das torcidas que conseguiam mudar os resultados previstos, fazendo com que o favorito perdesse pela pressão e pelo nervosismo imposto à equipe adversária.

Isto aconteceu no jogo de vôlei, em que a Engenharia era a favorita e perdeu, depois que poucos torcedores da Medicina (entre eles o Pingo, o Jair e eu) infernizarem o quinteto adversário.

O Pingo presidente da Medicina gastou todo o dinheiro que tinha no bolso na comemoração até o dia clarear enquanto cantávamos o hino da vitória: “Gloriosa Medicina...Campeã do Paraná... Para manter a tradição.... Este jogo vencerá!!!!”

A natação foi uma verdadeira comédia!

A equipe da Engenharia tinha os melhores nadadores – campeões

paranaenses – e eu, também campeão paranaense, era o capitão da equipe da Medicina.

Precisávamos de nadadores para compor a segunda equipe para marcação de pontos, visando um melhor resultado final.

Visitamos então as séries mais novas do curso, perguntando quem sabia nadar e quem gostaria de competir. Por sorte alguns colegas aceitaram o convite.

No dia da competição, chamamos o reserva para compor a equipe na prova dos 50 metros, estilo livre.

Dada a partida, nosso nadador, oriundo do norte do Paraná, saiu nadando “arrancão” – um movimento que puxa a água simultaneamente com os dois braços e bate as pernas juntas – um novo estilo em competições oficiais.

Após a prova, o colega disse que a prova era estilo livre e “isso” ele sabia fazer.

Na prova dos 50 metros, estilo nado de costas, aconteceu o pior!

A piscina de 25 metros tinha no seu início não mais que um metro de profundidade, atingindo mais adiante uns dois metros.

Nosso nadador reserva saiu nadando costas, virou os 25 metros, e quando estava a sete metros da chegada cansou, terminando a prova andando de pé na piscina e movimentando os braços para trás.

A maior vergonha foi a gozação dos colegas da Engenharia.

Os gritos de guerra das torcidas procuravam insultar a futura profissão dos colegas:

- Pedreiro! Pedreiro!

Gritavam os acadêmicos de Medicina e os de Engenharia respondiam:

- Açougueiro! Açougueiro!

A amizade conseguida com os colegas engenheiros naqueles jogos dura até o dia de hoje.

### 3 - Jogos Universitários Brasileiros - Bahia





**E**m julho de 1968 fomos convocados para a equipe de natação da Federação Paranaense de Desportos Universitários FPDU e também para compor a diretoria da mesma, ajudando na organização da delegação que iria defender o Paraná nos Jogos Universitários Brasileiros em Salvador, Bahia.

Na época eu fazia “bico” como datilógrafo à noite e pedimos para um colega de turma que ficasse no nosso lugar naqueles 15 dias previstos para os jogos, além de tentarmos junto ao Tio Zezinho (José Nasser), diretor das Lojas Nasser, algum dinheiro para nossas despesas.

Meu tio disse que não haveria problemas, contanto que levasse uma encomenda para um amigo em Salvador.

Concordei imediatamente e recebi um pouco de dinheiro, o suficiente para dois lanches, e um pacote de 5 quilos para levar.

Nosso amigo Filus, que também iria como cartola para Salvador, apresentou-nos um conhecido seu de infância, da sua terra natal, o César Wescher.

Se conseguíssemos um lugar para o mesmo na delegação, ele me ajudaria na função de Relações Públicas e traria 5000 caixas de fósforo de Irati, com emblema da Federação Paranaense de Desportos Universitários (FPDU).

Vislumbramos várias possibilidades para os brindes e concordamos em tê-lo como assistente.

A primeira tarefa era que cuidasse da encomenda do meu tio até chegar a Salvador e ajudasse a encontrar o destinatário.

A viagem da delegação para Salvador foi num ônibus da empresa PENHA e levou mais de 24 horas de alegria, entusiasmo e celebração como toda viagem de ida costumam ser.

Chegamos e ficamos alojados em uma unidade militar na cidade baixa de Salvador.

Na função de relações públicas, visitamos jornais, rádios e televisão e distribuímos caixinhas de fósforos de brinde para todos os jornalistas possíveis.

O resultado foi imediato: com todos os esportes de que o Paraná participava sendo noticiados na primeira página de todos os jornais.

Visitamos o Governador e recebemos um convite do Secretário de Segurança, amigo do Filus, para uma recepção numa boate famosa da cidade.

Na hora marcada, chega um carro oficial na unidade militar e lá fomos nós para a festa.

Os baianos, sempre animados, dançavam ao som de “Segura este samba e não deixa cair, ogunhê, ogunhê...”, quando, de repente, para a música e o locutor anuncia: **“Marta Vasconcelos, Miss Bahia, acaba de ser eleita Miss Universo!!”**

Foi uma loucura a festa que se seguiu e foi para as ruas da cidade, com os baianos entrando em verdadeiro transe de alegria e entusiasmo.

Um espetáculo inesquecível de alegria popular e a oportunidade única de lá estarmos naquele momento histórico para a cidade foi uma experiência incrível para todos.

Durante nossa visita à imprensa da cidade, procuramos saber, eu e o César, que carregava a encomenda do Tio Zezinho, onde era o endereço do destinatário.

Ninguém conseguiu localizar o cidadão, porém os jornalistas e a polícia estavam tentando e nos avisariam assim que tivessem a informação.

No último dia dos Jogos, sem localizar o destinatário, deixamos a encomenda a cargo do Jornal.

César e eu visitamos o mercado modelo e o presídio de Salvador e trocamos muitas caixas de fósforos por lembrancinhas da Bahia, como figas e berimbaus que trouxemos como presente para nossos parentes.

Ganhamos, também, chaveiros com a cabeça do Lampião, que lembrava a verdadeira, exposta macabramente, na Faculdade de Medicina da Bahia, ao lado da cabeça de sua companheira Maria Bonita.

Antes da viagem de volta fomos procurados por um jornalista amigo, que informou-nos que a encomenda havia sofrido uma queda e abriu-se: constataram a presença de tijolos e que o destinatário não existia.

Foi um trote do tio Zezinho!!

O César ficou muito bravo, pois, dedicou todo o seu cuidado à encomenda do Tio Zezinho.

A viagem de volta foi terrível: ninguém tinha dinheiro e não tínhamos comida.

Tivemos a sorte de parar numa estrada próxima a um bananal, onde ganhamos vários cachos de banana.

Passei os próximos dois anos sem comer banana.

Ao chegar a Curitiba, na primeira oportunidade o Tio Zezinho

perguntou pelo pacote e contei que tinha deixado com a polícia para fazer a entrega já que se tornaram nossos amigos pelas inúmeras caixas de fósforo recebidas.

Disse que dei o nome dele como remetente, para qualquer eventualidade, agradei o dinheiro, e dei-lhe de presente um pequeno chaveiro com uma figa baiana que foi o que deu para comprar com o dinheiro...

Para terminar a aventura, perdemos o emprego de datilógrafo para nosso colega de turma que era mais habilidoso na função e aceitou a oferta de continuar em nosso lugar.

O melhor, entretanto, foi justamente a aventura, o conhecimento de novos lugares, a participação em eventos inesquecíveis e a saudosa vida dos bons tempos de estudantes, de atleta e de cartola.



## 4- Trotes e aventuras na Casa do Estudante Universitário – CEU





**E**nquanto cursávamos Medicina e História Natural ocorreu o que mais temíamos em Curitiba: venceu o contrato de aluguel do apartamento em que morávamos na Rua Dr. Faivre e recebemos prazo de sete dias para entregarmos a república.

Os donos de apartamentos e casas temiam alugar seus imóveis para estudantes e dificilmente o aluguel era concedido sem os devidos avalistas e permissão de vizinhos.

Morávamos juntamente com 6 colegas e para onde ir assim de repente???

Cada um encostou-se em outra “república” com promessa de sair assim que conseguíssemos local para morar.

Vendo minha situação, meus amigos, Filus e Toninho Ramos de Oliveira, decidiram ajudar oferecendo um lugar, clandestinamente, no seu apartamento de um quarto que dividiam na Casa do Estudante Universitário.

Arrumaram um colchão que ficava escondido durante o dia e à noite preenchia o espaço entre suas camas no minúsculo quarto.

A casa do estudante universitário (CEU) abrigava alunos das diversas faculdades que comprovadamente não tinham condições de pagar aluguel, além de fornecer alimentação com tudo praticamente gratuito.

Em troca os universitários durante certo período prestavam serviços como trabalhar no refeitório, biblioteca e outras tarefas.

Realizava-se uma rigorosa seleção quanto a situação social do candidato, porém deixavam passar, sem intenção, alguns colegas que tinham famílias abastadas em suas cidades e que logravam seus pares com falsos atestados de pobreza.

Os estudantes moravam em 1 quarto com duas camas, duas mesas e armário, porém, o banheiro era coletivo.

Minha presença era proibida, pois não era morador selecionado e meus colegas correram um risco temporário pelo qual serei eternamente grato.

Na CEU, quando ingressavam os novos hóspedes (“calouros”), os veteranos quase sempre pregavam trotes inteligentes e engraçados.

Estávamos durante o regime Militar e a maioria dos estudantes residentes era contra o governo. Durante a madrugada os veteranos invadiam o quarto dos calouros, vestidos de militares, davam ordem de prisão alegando que os mesmos eram subversivos.

Sempre achavam livros com a ideologia comunista embaixo do colchão, ali plantados previamente durante o dia pelos veteranos, que comprometia e comprovava a natureza subversiva e comunista do calouro.

Eram em seguida levados para uma sala, onde sentados numa cadeira distante dos entrevistadores eram inquiridos e ouviam estórias comprometedoras fornecidas previamente por amigos íntimos aos inquisidores.

No final de aproximadamente uma hora, quando o calouro já estava certo da sua prisão, era levado com roupas de dormir para longe da CEU e soltos para voltarem a pé para seus alojamentos.

Ao chegarem eram recebidos com festas, alegria e gozações.

Este trote mostrava a preocupação permanente dos universitários de serem pegos pelo regime militar, uma vez que ali na CEU foi planejada a famosa invasão da reitoria da Universidade Federal do Paraná.

A invasão culminou com a destruição do busto do Reitor Suplicy de Lacerda e a quadra que abrigava a reitoria e faculdades na Rua XV de novembro foi cercada pelo Exército e os estudantes foram salvos pela intervenção do então governador Paulo Pimentel que apaziguou os ânimos e promoveu o diálogo.

A maioria dos estudantes era da chamada “esquerda festiva”: comunistas de fachada, não sabiam o que realmente significava e estavam ali protestando por simples farra e ou para serem da elite pensante.

Nunca imaginaram que colegas da faculdade estavam realmente presos e impossibilitados de continuar no curso universitário.

Passaram-se anos e agora, alguns daqueles colegas “comunistas”, ficaram ricos com o exercício da Medicina e alguns se tornaram verdadeiros latifundiários, não cogitando mais a sonhada reforma agrária.

Como é difícil ser idealista e socialista tendo alguma coisa para dividir, não é?????

## II – PRONTO SOCORRO – HISTÓRIAS CURIOSAS

O Pronto Socorro Municipal Cajuru era o principal estabelecimento de saúde que atendia emergências médicas na cidade de Curitiba. Para ele eram levadas todas as vítimas dos mais diversos tipos de acidente.

Era cobiçado pelos estudantes de Medicina como local para estágio preparatório para a vida médica, principalmente em situações de emergência.

No início do terceiro ano de Medicina, em 1968, admitidos como estagiário naquele pronto socorro, começamos a vivenciar efetivamente a profissão de médico, pois estava assistindo pessoas em situação de emergência, supervisionado por colegas com mais experiência, além do médico de plantão.

Algum tempo depois estávamos fazendo curativos, retirando pontos das pequenas cirurgias, realizando suturas e ajudando nas cirurgias, quase todas em politraumatizados.

As situações pitorescas e dramáticas num serviço de pronto socorro que atendia de 150 a 200 pacientes num plantão de 24 horas, serão narradas nestas historias curiosas.



## 1- O leão e o gaúcho





**E**stávamos sentados na sala de espera dos acadêmicos estagiários de Medicina, no Pronto Socorro Municipal do Cajuru, quando a telefonista da recepção, atendendo a uma chamada, exclamou:

- Não é possível! Aonde? Sim, sim! É para já!

Muito curioso eu me prontifiquei perguntando:

- O quê? E onde?

- Um cidadão foi atacado por um leão!

- Onde? Num circo?

- Não! No Passeio Público!

- Irei imediatamente! Louco para atender um caso inédito em Curitiba e em minha vida: **uma pessoa mordida por um leão!**

Passamos a mão na maleta de emergência e lá fomos, com o motorista da ambulância, com a sirene ligada.

Ao chegarmos ao Passeio Público, magnífico logradouro localizado no centro de Curitiba, onde existiam diversos tipos de animais, (mamíferos, aves, répteis e peixes), repleto de árvores, lagos e restaurantes, fomos diretamente para o posto da Polícia Florestal, que cuidava do local.

- Olá pessoal! Onde está a vítima?

- No banheiro público dos homens!

Encontramos o cidadão sentado numa privada, com o braço direito ensangüentado enrolado na camisa, com uma pequena bolsa na mão esquerda e com forte hálito etílico, ou seja, a vítima estava bêbada.

Conseguia andar perfeitamente e então o conduzimos para a ambulância e partimos em direção ao Pronto Socorro, pensando: “Como aconteceu?”.

Levamos a vítima para a sala de pequenas cirurgias e constatamos que o paciente apresentava feridas lacerantes no antebraço e braço direito e por sorte não havia comprometimento de nenhum vaso sanguíneo importante.

Após a anestesia local, iniciamos uma grande sutura que durou cerca de duas horas.

Com o braço devidamente enfaixado e o cidadão visivelmente mais calmo, iniciamos a investigação do caso.

- Como é seu nome? De onde veio?

- Sou GAÚCHO, tchê, e dos machos! Meu nome é Gabriel!(fictício).

- Como aconteceu isto, Gabriel?

- Bah! Estava passeando vendo os bichos “véios”, quando vi a beleza de animal na minha frente! Uma fêmea de leão!

- E aí?

- Comecei a aticá-la com esta minha pequena bolsa (de material plástico, tipo James Bond). De repente ela prendeu a bolsa e puxou-a para dentro da jaula!

- E você... O que fez?

- Enfiei a mão na jaula para pegá-la de volta e então a leoa “Auuuu!”

- O que?

- Segurou meu braço com a pata!

- E aí?

- Aí ela “Crauuuu”!

- Crauuu o quê?

- Abocanhou meu braço!

- E como você tirou o braço da boca da leoa?

- Comecei a gritar, pois gaúcho não chora. Então ela abriu a boca e urrou: “Rrrrauuuu!” e aproveitei e puxei o braço ferido rapidamente, juntamente com a bolsa com meus documentos e sem dinheiro!

- Prometo doutor, que não vou mais mexer com a fêmea do leão.

Ficamos pensando o que deu na leoa para urrar com o braço do gaúcho já preso entre os dentes e com a caça garantida.

Iniciamos a prescrição médica (antibióticos, vacinas, etc.), orientada pelo médico de plantão, quando vimos o gaúcho ser abordado por um repórter de jornal que queria saber a sua história.

Ficamos observando o gaúcho ser fotografado por todos os ângulos possíveis e imagináveis: de frente, de lado, com o braço levantado, sorrindo, com pose de valente e bravo e com o peito estufado.

Terminada a entrevista com a vítima, perguntamos ao repórter qual era o jornal e quando seria publicada a reportagem. Era o Diário do Paraná.

Pela manhã, saindo do plantão, corremos para a banca de jornal perto do hospital para comprar o jornal.

Para nossa surpresa, na capa do jornal não havia a foto do gaúcho e sim da LEOA, com a manchete “*Não brinque com leão*”.

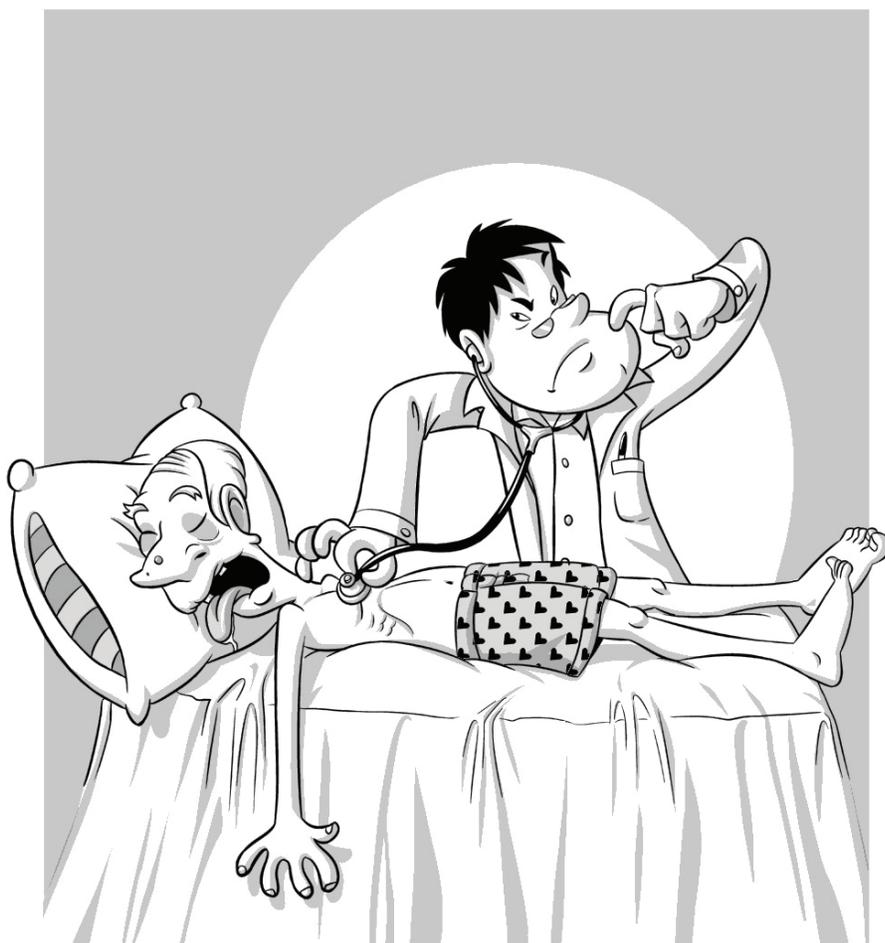
Folheando o jornal à procura da foto do gaúcho, encontrei-o de costas com o braço erguido, sem a identificação desejada pelo herói do Passeio Público.

Deram mais importância para a leoa, e pensamos na decepção do gaúcho, que passou horas dando entrevista e sendo fotografado.

Contamos este episódio pela raridade da situação: uma pessoa mordida por um leão em plena Curitiba e pela característica folclórica regional da pessoa oriunda do nosso querido Estado do Rio Grande do Sul.



## 2- 0 morto está vivo!





**E**stávamos jantando no refeitório do Hospital Cajuru, quando o médico de plantão apresentou-nos o novo acadêmico estagiário que iria prestar plantão de 12 horas no próximo ano. Como estagiários efetivos, tínhamos que cuidar e orientar nosso calouro, um belo, inteligente e prestativo colega *nissei*, oriundo do norte do Paraná.

O Nakamura (nome fictício), um *nissei* estudioso, mostrou grande interesse e disposição para o trabalho, assim como todos os descendentes de japoneses que entravam na faculdade de Medicina. Porém, com o passar do tempo e depois de vários plantões, começou a sentir-se muito auto-suficiente, o que constituía pecado imperdoável no início do aprendizado em tão importante atividade como a de pronto socorro.

Certa noite, já passava um pouco das vinte e três horas, quando a recepcionista recebeu um chamado de uma família, relatando que o avô tinha desmaiado e não retornava à consciência.

Os chamados para atendimento externo somente eram atendidos por acadêmicos efetivos, mais experientes e responsáveis.

Nakamura tomou a iniciativa de atender ao chamado e o responsável pelo plantão permitiu que o mesmo fosse averiguar o acontecimento, pois não parecia uma situação grave.

Passados cerca de trinta minutos, atendi pelo rádio a uma chamada de Nakamura, com seu típico sotaque japonês misturado com o do norte do Paraná:

- Arô! Central! Aqui Nakamura!
  - (japonês não fala o 'l' e sim o 'r')
  - O paciente está morto! O que faço?
  - Tens certeza?
  - Sim, sim! Não respira! Está sem "purso"! Sem pressão!
  - E os olhos? Estão com midríase parálitica? (não responde aos estímulos à luz).
  - Num sei! "Vo vê, né"! Já "vorto"!
- Passaram-se mais cinco minutos...
- Arô! Arô! Câmbio?
  - Sim, pode falar Nakamura!
  - Como ocê sabe que sou eu?
  - Ora, Nakamura, diga logo!
  - Sim, pronto. Ele está com midríase "pararítica

- Tudo bem Nakamura. Calma! Segundo as normas, o paciente teve morte sem assistência e por isso você deve avisar à polícia para levá-lo ao Instituto Médico Legal, o serviço de verificação de óbito. Avise os familiares e retorne à sede!

- Sim! Já “vorto”!

Observando um colega que assistia a tudo e imediatamente veio a idéia de fazer uma brincadeira com o Nakamura, tentando diminuir a sua auto-suficiência. Quando a ambulância trazendo o Nakamura chegou fomos recebê-lo.

- Como é...? Tudo bem lá no local? Como você se saiu?

- Bem. Fiz tudo que me mandaram. Constatei a morte, “expriqueei “ para a família e informei a polícia, que levou o morto para o IML”.

- Ótimo. Pode ir dormir. Já passa da meia-noite!

Por volta das duas horas da madrugada meu colega efetivo de plantão dirigiu-se até a portaria do Hospital Cajuru e de lá telefonou para o Pronto Socorro. A telefonista atendeu e imediatamente eu perguntamos o que era. Ela disse:

- É do Instituto Médico Legal! Querem falar com o médico que atendeu a ocorrência na qual encontraram o paciente morto!

- Foi o Dr. Nakamura! - respondemos prontamente.

- Deixe que vamos chamá-lo!

Dirigi-me ao dormitório e lá chegando...

- Nakamura! Telefone para você!

- Onde? Como? Por quê? (sonolento)

- Não sei! Parece que é importante...

Ele, que estava dormindo de roupa, como todos de plantão, foi correndo para atender ao telefone na portaria do Pronto Socorro.

- Aro! Pronto!

- Boa Noite! Aqui é do Instituto Médico Legal - falou com firmeza e seriedade o colega estagiário do outro lado da linha.

- Foi o senhor, doutor, que atendeu o chamado do paciente encontrado morto e que foi encaminhado para nós?

- Sim, fui eu sim! Por quê?

- Foi o senhor que constatou a morte do ancião?

- Sim, sim! Ele estava morto! Sem respirar! Sem “purso”!

- Tens certeza de que ele estava morto mesmo?

- Sim! Por quê?

- Acho bom o senhor vir aqui! Por que o paciente **está vivo!** *Vivinho da silva!* E o senhor é o responsável por ele. E desligou batendo o telefone...

Nakamura passou do amarelo para o branco, botou a mão na cabeça e disse:

- Não pode ser! Non, non, no...

- O que foi que aconteceu Nakamura? - perguntamos inocentemente...

- O morto! O morto...

- Que é que tem o morto?

- **O morto está vivo!!** Estão ligando do Instituto Médico legal e disseram que o paciente que eu declarei morto está vivo! O que faço?

- Que fria Nakamura! E agora?

- Acho que devemos chamar o “Bacilão”!

Bacilão (Dr. Bacila) era o médico-chefe geral e responsável pelo Pronto Socorro Municipal do Cajuru, querido e temido por todos os alunos.

- Não! Acho que vou até o IML verificar pessoalmente e tentar resolver isso.

- Não pode! Você não é efetivo e não pode sair sem autorização do chefe da equipe (meu colega, que estava telefonando do hospital). O certo é esperar amanhecer e resolver com o Bacilão.

- **O morto está vivo! O morto está vivo!** - repetia insistentemente Nakamura e foi para o dormitório esperar o amanhecer, pois não dormiria mais naquele plantão.

Ao amanhecer, o chefe da equipe estava esperando o Nakamura, que chegou cabisbaixo e tentou falar:

- Sabe...

- Ah! Sim, Nakamura - interrompeu o chefe bruscamente... - acabei de atender o chefe do IML e ele me disse...

- O que? - perguntou Nakamura aflito.

- Disse-me que houve um lamentável engano e que não foi o seu paciente que estava vivo e sim um outro.

- Então... **o morto não estava vivo?**

- Não! Ainda bem, não é Nakamura?

- Sim, sim. Sim...

Passaram-se muitos plantões e Nakamura não saiu mais sozinho para os chamados e não tomou nenhuma atitude importante sem consultar o médico ou o chefe da equipe de efetivos. O susto parece que serviu para deixar o Nakamura mais cauteloso, que compreendeu e achou graça quando contamos a brincadeira para ele no final do ano.

A incerteza que todos nós estagiários tínhamos quando nos deparávamos com a primeira comprovação de óbito era terrível e temível, e serviu para deixar apavorado o colega, diante da afirmação de outro médico afirmando o contrário. São coisas próprias do dia a dia do aprendizado médico.



### 3 - Medo do defunto





Nossa vida nos plantões do Pronto Socorro do Hospital Cajuru era intensa devido aos constantes acidentes de trânsito, brigas com armas de fogo e arma branca, tentativas de suicídios e acidentes domésticos.

O trabalho aumentava quando ocorriam acidentes com ônibus de passageiros na BR 101, no trecho Curitiba – São Paulo.

Era uma grande correria no atendimento dos poli traumatizados e mesmo com aqueles com pequenos ferimentos contusos.

Quase sempre o acidente levava à morte algumas das vítimas que chegavam ainda com vida ao pronto socorro.

Na nossa equipe havia um colega do interior do estado de São Paulo, que chamaremos de **Chico Boiadeiro**, que era muito supersticioso. Chico era um colega de hábitos simples, compatíveis com sua pacata vida do interior; tímido, morria de medo de defunto.

Chico preferia atender casos de ortopedia traumatológica, casos de crises hepáticas, alcoólicas e renais, mas nunca atendia pessoas à beira da morte e evitava ver os cadáveres que eram enviados ao Instituto Médico Legal (IML).

Era uma noite de plantão, chovia muito, e, por volta da meia noite, recebemos a notícia de que havia morrido um paciente por traumatismo craniano.

Um dos membros da equipe de acadêmicos efetivos comunicou que o cadáver estava numa maca no corredor que ligava o pronto socorro ao Hospital.

Todos deveriam estar atentos para que quando chegasse o transporte do IML, indicássemos a localização do cadáver, para a devida remoção.

Era a situação ideal para fazer uma brincadeira com o Chico e imediatamente planejamos o teatro.

Entre as 3 e as 4 horas da madrugada era o turno do Chico, na época estagiário, juntamente com um acadêmico efetivo.

- Chico! Por favor! Vá buscar uma garrafa de café! - solicitou educadamente o colega efetivo.

- Onde? – perguntou, já sabendo que deveria atravessar o corredor escuro para atingir a cozinha do hospital em busca do café.

- Na cozinha, Chico! Não ligue para a maca daquele paciente morto no corredor aguardando o IML...

Chico Boiadeiro ficou indeciso, porém, o colega efetivo virou para a telefonista e disse:

- Um médico apto para dar atestados de óbito, peão, valente boiadeiro, não pode temer um cadáver coberto num corredor do hospital, não é verdade senhorita?

- Claro. Nem eu, que sou mulher, tenho medo. E olha que não sou nem enfermeira, apenas telefonista!

O Chico pediu a pequena lanterna que usávamos para examinar a garganta e seguiu pelo corredor afora.

Passou sem qualquer problema pela maca, com o cadáver coberto, e alcançou a cozinha.

O tempo lá fora estava terrível, com trovoadas ribombando após relâmpagos repetidos.

Na volta, trazia numa bandeja duas médias de café com leite e dois pedaços de pão com manteiga, além do açucareiro.

Ao passar pela maca, o “cadáver”, todo enfaixado e “ensangüentado” com mercúrio cromo, ergueu-se para a posição de sentado na maca, resmungando:

- Onde estoouuuu??? (era um colega nosso fantasiado de cadáver)

Com um grito de pavor, Chico jogou a bandeja no “cadáver” e correndo, chegou à portaria do pronto socorro:

- O morto acordou!... Ele está vivo!!... Socorro!!!

- Que nada! Isso é impossível! O morto já foi levado para o IML enquanto você estava na cozinha. A maca está vazia!

- Então vai lá verificar!

- Então vamos juntos!

Ao chegarmos, havia somente as xícaras quebradas, o lençol molhado e os pães caídos no chão.

- Não pode ser! Não pode ser! Só se for assombração!

- Chico! Deixe de inventar coisas! Puxa vida, o que o medo faz com as pessoas!...

Inconformado, Chico achou melhor não contar o fato a outras pessoas, para que não passasse por mentiroso, e continuou curtindo o seu *medo de defunto*.

Eu soube que no dia da formatura o nosso colega contou para o Chico o que realmente aconteceu no corredor naquela fatídica noite no pronto socorro.

Nas reuniões de comemoração de anos de formados, o Chico chegou papeando que agora ele era caçador de “mula sem cabeça”, visitava regularmente o cemitério e que não perdia um velório.

Será que realmente ele perdeu o *medo de defunto*?

## 4– Surpresas na Lua de Mel





**E**stávamos adentrando o inverno curitibano, o terror dos estudantes de fora da cidade, pois além de muito frio, chovia e ventava.

Por volta da meia noite, chegou para atendimento um jovem casal, de passagem por Curitiba, vindo de São Paulo e dirigindo-se para o Rio Grande do Sul, em plena lua de mel.

A noiva queixava-se de fortes cólicas abdominais, que, segundo a mesma, deveria ser resultado de exageros ingeridos na festa de casamento.

O noivo estava muito ansioso, perguntou se eles poderiam pernoitar no Hotel Iguaçu, o melhor hotel de Curitiba, especialmente reservado pelos pais da noiva.

A noiva foi levada para sala de atendimentos pelo médico de plantão e ficamos na portaria conversando com o noivo:

- Quando saiu de São Paulo? – perguntamos.

- Ô meu, hoje pela manhã, e só chegamos ao hotel no final da tarde! Que estrada perigosa!!

- Acho que vai valer a pena, porque Curitiba é muito própria para a primeira noite, pois o friozinho aproxima o casal.

- Que bom, meu! Não vejo a hora!

- Qual o seu time em São Paulo? – perguntamos, para aliviar a tensão.

- Sou palmeirense! É a maior briga com os meus vizinhos corintianos...

O médico de plantão chegou e interrompeu o diálogo:

- Quem é o acompanhante da paciente?

- Sou eu! - respondeu o paulista - Eu sou o seu marido...

- Ah, bom! Parabéns!... Acaba de nascer o seu primeiro filho... e é homem!

O palmeirense ficou verde e branco, e quando pensei que ia desmaiar, disse:

- Não é possível! Ela é virgem! Esta seria nossa primeira noite!...

O médico arrematou:

- Só se for obra do anjo... Seu filho nasceu com nove meses e saúde perfeita!



## 5 - Doutor “Ponto”... Doutor de “Merda”...





Com o passar de vários plantões, fomos adquirindo experiência e confiança e eu tinha o defeito de “me gabar” com minha namorada, minha futura esposa Carminha.

Toda vez que saía dos plantões, contava que tinha atendido acidentados, bêbados, cortados e outros, relatando que tinha realizado vários pontos cirúrgicos em determinados pacientes.

“Hoje dei 10 pontos na cabeça de Fulano”. “Ajudei no centro cirúrgico a operação de um acidentado”.

“Fui buscar um acidentado que pulou de um prédio”... e outras histórias do gênero.

Isto fazia sentir-me “importante” junto à família de minha namorada.

Quando chegava aos fins de semana, ia namorar na casa da sogra e Carminha contava meus feitos cirúrgicos para toda sua família.

Dentre os parentes, a tia Almey era a maior interessada.

Sempre perguntava o que eu fazia no plantão e quantos “pontos” cirúrgicos havia realizado.

Eu ficava muito orgulhoso e faceiro, porém, mais tarde, depois de noivos, fiquei sabendo que o meu apelido, criado pela tia Almey junto à família, era “**Doutor Ponto**”.

Fiquei imaginando que apelido a tia Almey me daria se ficasse sabendo que no segundo ano fazíamos exames de fezes gratuitos para escolares...

Lembrei então do meu primo Marco Aurélio, que no tempo de estudante de Medicina, após cursar o segundo ano da faculdade, estava apto para realizar exames laboratoriais de fezes à procura dos vermes mais comuns na população.

Marquinhos foi passar as férias em sua cidade natal, Monte Santo de Minas, onde sua mãe, a querida tia Celuta, toda orgulhosa, conclamava os clientes da Casa Nasser a trazerem as fezes de seus filhos para o Dr. Marco Aurélio examinar e tratar gratuitamente.

Era o que o acadêmico Marco Aurélio fazia: realizava os exames parasitológicos laboratoriais e fornecia vermífugos para os clientes da loja, fazendo o maior sucesso entre a população rural do município.

No final das férias, Marquinhos voltou para Curitiba e a loja da tia Celuta estava cheia de clientes.

Neste momento chegou um caipira da zona rural, com bota e chapéu, com uma caixa de fósforos contendo fezes e perguntando, em alto e bom som:

- Onde está o **DOUTOR DE MERDA?**

- Vim trazer esta BOSTA para ele examinar!!!

Gargalhada geral!

Nunca mais tia Celuta e Marquinhos prestaram este relevante serviço à população da pacata de Monte Santo de Minas.

## 6 – As brigas de vida ou morte...





O resultado de brigas com armas brancas trazia alguns feridos ao pronto socorro, quase sempre em estado grave.

Casos de briga de foice com facão, em que o sobrevivente recebeu um golpe de foice no pescoço, após atacar o adversário com o facão de 50 cm de lâmina, provocara grande correria na tentativa de salvar o agonizante com o pescoço pendurado “por um fio” e suprimir exigia grande sangue frio e clareza da parte dos acadêmicos e médicos assistentes.

Assim, com casos de grande emergência, vivíamos nossos plantões no Pronto Socorro Municipal do Hospital Cajurú.

Em certa ocasião, por volta das 2 horas da madrugada, apareceu uma viatura policial com um paciente de origem polonesa, loiro, olhos azuis, dois metros de altura, desmaiado, com uma faca espetada no coração.

Os policiais entregaram a vítima em estado agonizante e voltaram para sua delegacia.

Por sorte do paciente, um grande e habilidoso cirurgião, Dr. Parreira, estava saindo de uma cirurgia no Hospital Cajurú e, deparando com o caso, que estávamos assistindo, levou-o imediatamente para o centro cirúrgico.

Abrindo o tórax, conseguiu estancar, num golpe de sorte, a hemorragia enquanto retirava a faca do músculo cardíaco que ainda funcionava.

Após a cirurgia de sucesso inesperado, o paciente foi levado para o quarto onde ficou internado para a sua recuperação.

Na semana seguinte, voltamos para cumprir novo plantão de 24 horas, quando fomos procurados pelos policiais que haviam trazido o paciente esfaqueado.

Eles queriam uma cópia do atestado de óbito do paciente esfaqueado, para fins de dar continuidade ao inquérito que levou o seu agressor e assassino à prisão.

Pedimos, então, que nos acompanhassem pelos corredores do Hospital Cajurú e fomos até o quarto onde estava internado o paciente que eles desconheciam que ainda estava vivo.

Quando entramos, um dos policiais começou a tremer, boquiaberto; sentiu as pernas amolecerem e desmaiou, ao ver o gigante polonês de pé, andando pelo quarto, pálido como um fantasma.

Ao desfalecer, o policial acabou batendo com a sua cabeça na borda da cama.

Este policial que tinha trazido pessoalmente o polaco com a faca espetada no coração teve traumatismo craniano e quase foi a única vítima da briga de faca.

## 7- Objetos estranhos





**N**o Pronto Socorro Cajuru, além das emergências com politraumatizados, eram atendidas insuficiências respiratórias e cardíacas e também os pequenos acidentes domésticos.

Apareciam com frequência crianças que haviam enfiado sementes, grãos ou outros pequenos objetos no nariz e ouvido externo.

Muito comum ainda era a ingestão de pregos, moedas, alfinetes, agulhas, botões e até espinhas de peixe.

Em certa ocasião, apareceu um casal cujo filho tinha engolido um anel de brilhantes que o marido havia presenteado à esposa; objeto que detinha grande tradição, tipo avó-para-mãe, mãe-para-filha; neste caso, **de sogra para nora**.

A sogra, inconformada, culpava a nora pelo descaso pelo anel de família e criticava veementemente a escolha do filho por tal esposa descuidada.

O marido ouvia da esposa que não agüentava mais os queixumes da sogra e não via a hora de tudo se resolver.

O Médico Chefe de plantão mandou fazer um raio-X de abdômen, e logo localizou o anel já no intestino grosso, a caminho do reto.

Tentou acalmar os ânimos acirrados, mas a sogra não parava de falar, a esposa chorava e o marido estava sem saber o que fazer.

Resolveu então receitar um leve laxante, para apressar a resolução do problema.

A família foi embora e poucas horas depois a sogra voltou, queixando-se de que a **diaba** da nora, após o neto defecar a jóia, pegou uma faca, e encostando-a em seu pescoço a obrigou a engolir o anel, como marco de que estava deixando o filho e a família.

Não conseguimos conter os risos e o colega do interior do Paraná arrematou:

- “Eta mulherzinha brava, hein?”

Em outras ocasiões apareciam homens queixando-se de acidentes em que caíam da escada, escorregavam no banheiro e invariavelmente, numa pontaria trágica e invejável, os objetos entravam pelo ânus e alojavam-se no reto.

Eram os mais variados objetos, tais como garrafas de refrigerantes, sabonetes, cabo de vassoura, cabos de martelo, escova de dente, bolinha de pingue-pongue e outros: apareciam sempre com uma cara de inocente e as mais variadas desculpas.

O médico de plantão sabiamente e laconicamente dizia: “Cada um sabe do seu!”

## 8- Casos de crises nervosas (pitiáticas)





**A** vida e o stress diários, associados a complexos, desvios de personalidade e a falta de atenção recebida pelos pacientes, levam a uma resposta de defesa destes que então simulavam um “desmaio” para chamar a atenção dos entes queridos dentro da sua família.

Chamados angustiados para atender casos de desmaios de pessoas da família até então com saúde perfeita eram muito comuns.

Chegávamos à residência e encontrávamos toda família reunida em torno da pessoa: geralmente jovens recém casadas que não respondiam às tentativas de reanimação.

À primeira vista percebíamos que as pacientes tinham as pálpebras cerradas, com movimentos repetitivos (tremores) e sem sinais de ataque epilético (salivação, urina, espasmos e outros). Eram crises nervosas simuladas para chamar a atenção dos mais chegados.

A conduta era o atendimento isolado e por isso solicitávamos que os familiares nos deixassem a sós.

O procedimento era aplicação de placebos ou a colocação de um pouco de álcool ou éter em uma gaze, para a paciente cheirar.

Imediatamente a paciente revirava os olhos e voltava do transe, perguntando:

- Onde estou? Quem é você?
- Somos médicos! Viemos atendê-la!

Após alguns minutos de conversa nos relatavam brigas com o marido, desentendimentos com a família ou desavenças no trabalho.

A família ficava muito feliz quando, voltando para o quarto, encontrava a filha ou a esposa lúcida e bem disposta.

Éramos considerados heróis e recebíamos muitos agradecimentos.

Certa vez, por volta das 22 horas, numa noite chuvosa e fria, fomos chamados para atender um caso no bairro Boqueirão.

O Pronto Socorro Municipal somente atendia casos de urgência e estávamos proibidos de atender doentes crônicos.

Nunca devíamos transportá-los para qualquer lugar, muito menos para a sede do Pronto Socorro, sob pena de perder o estágio.

Chegando ao local, havia uma pequena multidão em volta de uma

casa de madeira com palafitas, e o motorista acompanhou-me com a maleta médica até o interior da casa.

Lá estava a família que foi logo dizendo:

- Tem que levar doutor!
- Já faz dois meses que está neste estado!
- Vamos quebrar tudo se não levar...

Entramos no quarto e o paciente, um jovem de 25 anos, deitado na cama, relatava que não podia andar desde a morte de seu pai há dois meses.

No exame constatamos que os reflexos e sensibilidade dos membros inferiores estavam perfeitos e pensei: “E agora? Se transporto o paciente visivelmente com crise nervosa para o Pronto Socorro, perco meu estágio; se não o fizer, levaria uma surra!”

### **Resolvi improvisar.**

Solicitei que quatro pessoas da família ficassem nos cantos da cama e acendessem uma vela.

Apliquei um frasco de anti-espasmódico, extremamente doloroso, na coxa do paciente, disse para o motorista em tom de voz baixo, mas suficiente para que o paciente ouvisse:

**- Se ele não andar aplico outra...**

Subi em uma cadeira ao pé da cama e ordenei, gritando:

**- LEVANTA-TE!!! LEVANTA-TE E ANDA! ANDA!!!**

O paciente não teve dúvidas, levantou e abraçou a família e nós rapidamente saímos aliviados de volta para a ambulância.

O motorista ria aos borbotões e até hoje conta a história do médico milagroso que fez o paralítico andar.

Sabemos que apenas tratamos a crise pitiática (nervosa) e que quase sempre o resultado era imediato, **mas valeu a encenação.**

*“Com a aprovação no vestibular e o ingresso na faculdade de Medicina, o acadêmico adquiria uma posição social ou um “status” fabuloso. Bonito ou feio, pobre ou cafona, chato ou interessante, o rapaz passava a ser o parceiro ideal das garotas curitibanas, recatadas e casadoiras.”*

*“O desfile pela Rua XV de Novembro com a pasta da Medicina a tiracolo, ou vestido de branco para a aula de anatomia, chamava a atenção das curitibanas e a paquera era intensa.”*

*“Irei imediatamente – repliquei - louco para atender um caso inédito em Curitiba e em minha vida: uma pessoa mordida por um leão!”*

*“Com um grito de pavor, Chico jogou a bandeja no “cadáver” e correndo, chegou à portaria do pronto socorro:  
- O morto acordou!... Ele está vivo!!... Socorro!!!”*

Envie também sua história pitoresca dos tempos de estudante de medicina para enriquecer este livreto:

**[ninasser.bnu@terra.com.br](mailto:ninasser.bnu@terra.com.br)**

